

Os espectadores detêm-se, hirtos, quando o comboio passa.

«*Wenn er mich immer fragt*» {«Sempre que ele me pergunta»}, o *a* com trema, libertando-se da frase, voou como uma bola pelo campo.

A seriedade dele mata-me. A cabeça enfiada no colarinho, o cabelo imóvel acamado em torno do crânio, os músculos inferiores das faces tensos no seu lugar

A floresta ainda lá estará? A floresta ainda lá estava, sem dúvida. Mas, assim que o meu olhar se afastou dez passos, perdi-a de vista, de novo enredado numa conversa aborrecida.

Na floresta sombria, pisando a terra molhada, já só o seu colarinho branco me guiava.

Sonhei que pedia à bailarina Eduardova¹ que dançasse mais uma vez a czarda. Ela tinha uma tira larga de luz ou de sombra no centro do rosto, entre a linha inferior da testa e o centro do queixo. Nesse mesmo momento aproximou-se alguém, com os gestos repulsivos do intriguista involuntário, para lhe dizer que o comboio estava prestes a

partir. Pelo modo como ela recebeu a informação, tornou-se para mim terrivelmente claro que já não dançaria. «Sou uma mulher má e cruel, não acha?», disse ela. «Oh», disse eu, «não, nada disso», e virei-me numa direcção à toa para sair dali.

Antes disso, tinha-lhe perguntado acerca das muitas flores que trazia presas na faixa do vestido. «Foram-me oferecidas por todos os príncipes da Europa», disse ela. Fiquei a pensar no sentido que poderia haver em estas flores, frescas ainda na faixa do vestido da bailarina Eduardova, terem sido oferecidas por todos os príncipes da Europa.

A bailarina Eduardova, melómana, viaja em toda a parte, e logo também no eléctrico, na companhia de dois violinistas, a quem muitas vezes pede que toquem. Pois nada proíbe que se toque no eléctrico, desde que a interpretação seja boa, agrade aos passageiros e seja gratuita, i. e., desde que depois não se faça uma colecta. No início, ainda assim, surpreende um tanto, e por uns momentos todos acham que não é apropriado. No entanto, em plena viagem, com uma forte corrente de ar e numa rua tranquila, é bonito de ouvir.

A bailarina Eduardova não é tão bonita ao ar livre como em palco. A tez pálida; os pómulos que retesam de tal modo a pele do rosto que este quase não é capaz de um movimento mais brusco; o nariz grande — parecendo ressaltar de uma cavidade — que não admite brincadeiras, como experimentar-lhe a firmeza da ponta ou segurá-lo gentilmente pela cana e puxá-lo de um lado para o outro, ao mesmo tempo que se diz «mas agora vens comigo»; o corpo largo, de cintura alta, em saias demasiado pregadas: a quem pode isso agradar? — quase se parece com uma das minhas tias, com uma senhora de idade, tantas tias velhas de tanta gente se parecem com ela. Na Eduardova ao ar livre não se encontra realmente nada, além dos pés bastante aceitáveis, que compense todas estas falhas, realmente nada que possa suscitar entusiasmo, espanto ou mesmo só consideração. E é por isso que muitas

vezes tenho visto a Eduardova ser tratada com uma indiferença que mesmo cavalheiros sempre muito elegantes, sempre muito correctos, não conseguiam ocultar, embora naturalmente se esforçassem bastante no seu trato com uma bailarina tão famosa como a Eduardova apesar de tudo era.

O meu pavilhão auricular era fresco, rude, frio e seivoso ao toque, como uma folha.

Escrevo isto, sem dúvida, por desespero com o meu corpo e com um futuro com este corpo.

Quando o desespero se anuncia tão definido, tão fixado no seu objecto, tão contido como o desespero de um soldado que cobre a retirada e que por essa missão se deixa dilacerar, então não é verdadeiro desespero. O verdadeiro desespero supera sempre e de imediato o seu alvo, (Esta vírgula mostra que só a primeira frase estava certa)



Estás desesperado?
Sim? Estás desesperado?
Foges? Queres esconder-te?

Passei pelo bordel como quem passa pela casa de uma mulher amada.

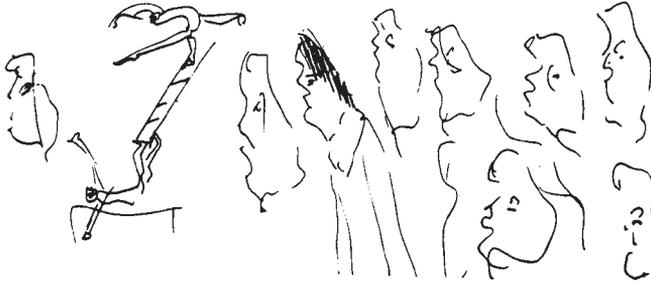
O que os escritores dizem fede

As costureiras de roupa branca à chuva.²

Da janela do comboio

Finalmente, volvidos cinco meses da minha vida em que não consegui escrever nada que me satisfizesse, cinco meses pelos quais nenhum poder me indemnizará, ainda que todos tivessem essa obrigação, ocorre-me dirigir outra vez a palavra a mim mesmo. Sempre que me interroguei seriamente sobre o assunto, insisti na resposta de que havia ainda qualquer coisa a sacar de mim à força, deste monte de palha que sou há cinco meses e que parece destinado a atear fogo no Verão e a arder mais depressa do que um abrir e fechar de olhos do espectador. Se ao menos isso me acontecesse! E deveria acontecer-me multiplicado por dez, porque eu não lamento sequer estes tempos infelizes. O meu estado não é de infelicidade, mas também não é de felicidade, não é de indiferença nem de fraqueza, não é cansaço, não é um outro interesse, o que é então? Que eu não o saiba prende-se sem dúvida com a minha incapacidade de escrever. E esta eu julgo perceber mesmo desconhecendo-lhe a causa. Na verdade, o que me ocorre não me ocorre de raiz, mas apenas a meio. Tente alguém segurar essas ideias, tente alguém segurar um fio de erva que só começa a crescer a meio do caule. Há quem consiga, sem dúvida; por exemplo, os acrobatas japoneses³ que trepam uma escada que não se apoia no chão, mas nas plantas dos pés de um homem deitado com as pernas levantadas, e a escada não está encostada à parede, sobe apenas no ar. Eu não consigo, e a minha escada, de resto, nem sequer pode contar com aqueles pés. Isto não é tudo, naturalmente, e aquela interrogação ainda não me faz falar. Mas todos os dias deveria ser-me apontada ao menos uma linha, como agora se apontam os telescópios aos cometas. E se eu então me deparasse por uma vez com essa frase, fosse atraído por essa frase — como aconteceu, por exemplo, no último Natal, quando cheguei tão longe que quase não me conseguia conter e quando realmente parecia

estar no último degrau da minha escada, que no entanto assentava tranquilamente no chão e contra a parede. Mas que chão!, que parede! E no entanto essa escada não caiu, os meus pés firmavam-na contra o chão, os meus pés levantavam-na contra a parede.



Hoje, por exemplo, cometi três insolências, para com um revisor do eléctrico, para com uma pessoa que me foi apresentada, apenas duas, afinal, mas doeram-me como dores de estômago. Se vindas de qualquer outra pessoa teriam sido insolências, tanto mais vindas de mim. Saí portanto de mim, lutei no ar, no nevoeiro, e o pior é que ninguém notou que cometi a insolência, como insolência, para com aqueles que me acompanhavam, tive de cometê-la, tive de fazer a cara certa, de assumir a responsabilidade; mais grave, porém, foi um dos meus conhecidos ter tomado essa insolência não como um sinal de carácter, mas como o carácter em si, fez-me um reparo e mostrou-se surpreendido. Porque não me deixo eu ficar dentro de mim? Claro que agora me digo: vê, o mundo submete-se aos teus golpes, o revisor e o homem que te foi apresentado permaneceram impávidos quando te afastaste, o último até te disse adeus. Mas isso não quer dizer nada. Nunca conseguirás nada se te abandonares a ti mesmo, mas pensa em tudo o que te faltará se ficares dentro do teu próprio círculo. A esta admoestação respondo apenas: também eu preferiria receber os golpes dentro do meu círculo a infligi-los fora dele, mas onde diabo está este círculo? Durante muito tempo vi-o sobre a terra, como se desenhado com cal, mas agora apenas paira à minha volta, não, não paira sequer.